

Sobre o mal-estar na pandemia: O papel da psicanálise em tempos de coronavírus

JUAN DROGUETT¹

RESUMO

Este artigo tem como objetivo principal caracterizar o mal-estar instaurado na cultura contemporânea, exacerbado pelo fenômeno da pandemia ligado aos efeitos do coronavírus – covid-19. Explora o conceito psicanalítico de sintoma atrelado à objetividade da saúde física e à subjetividade da saúde mental nos registros lacanianos do correlato RIS. Retoma antecedentes literários da obra a Peste de Albert Camus que prefiguram o estado do sujeito na atual conjuntura global e sinaliza vias de intervenção do psicanalista no exercício vocacional da escuta, conferindo à sociedade e ao indivíduo a dignidade moral política perdida.

Palavras-chave : Pandemia, covid-19; Mal-estar na cultura; Sintoma ; Escuta psicanalítica ; A Peste de Albert Camus.

ABOUT UNWELL IN PANDEMIA. THE ROLE OF PSYCHOANALYSIS IN CORONAVIRUS TIMES

ABSTRACT

This article has as main objective to characterize the unwell established in contemporary culture, exacerbated by the pandemic phenomenon linked to the effects of the coronavirus - covid-19. It explores the psychoanalytic concept of symptom linked to the objectivity of physical health and the subjectivity of mental health in the Lacanian records of the RIS correlate. It resumes literary antecedents of the work Pest by Albert Camus that prefigures the state of the subject in the current global conjuncture and signals ways of intervention by the psychoanalyst in the vocational exercise of listening, giving society and the individual the lost political moral dignity.

Keywords: Pandemic, covid-19; Malaise in culture; Symptom; Psychoanalytic listening; The Plague of Albert Camus

SOBRE EL MALESTAR EN LA PANDEMIA. EL PAPEL DEL PSICOANÁLISIS EN TIEMPOS DE CORONAVIRUS

RESUMEN

Este artículo tiene como objetivo principal caracterizar el malestar establecido en la cultura contemporánea, exacerbado por el fenómeno pandémico vinculado a los efectos del coronavirus - covid-19. Explora el concepto psicoanalítico de síntoma vinculado a la objetividad de la salud física y la subjetividad de la salud mental en los registros lacanianos del correlato RIS. Reanuda los antecedentes literarios de la obra Pest de Albert Camus que prefigura el estado del sujeto en la coyuntura global actual y señala formas de intervención del psicoanalista en el ejercicio vocacional de la escucha, dando a la sociedad y al individuo la dignidad moral política perdida.

¹ Juan Droguett é professor no curso de Semiótica Psicanalítica da Pontifícia Universidade Católica de São Paulo – PUC/SP (COGAE). Rua Inácio Manuel Alvares 460, ap. 93B, Butantã, São Paulo – SP. CEP. 05372-110. Fone: 11 977913657. Endereço eletrônico: jgdroguett07@gmail.com

Palabras clave: Pandemia, covid-19; Malestar en la cultura; Síntoma; Escucha psicoanalítica; La plaga de Albert Camus

À PROPOS DU INDISPOSÉ EN PANDÉMIE. LE RÔLE DE LA PSYCHANALYSE EN TEMPS DE CORONAVIRUS

RESUME

Cet article a pour objectif principal de caractériser le malaise établi dans la culture contemporaine, exacerbé par le phénomène pandémique lié aux effets du coronavirus - covid-19. Il explore le concept psychanalytique de symptôme lié à l'objectivité de la santé physique et à la subjectivité de la santé mentale dans les enregistrements lacaniens du corrélat RIS. Il reprend les antécédents littéraires de l'œuvre *Pest* d'Albert Camus qui préfigure l'état du sujet dans la conjoncture globale actuelle et signale les voies d'intervention du psychanalyste dans l'exercice professionnel de l'écoute, donnant à la société et à l'individu la dignité morale politique perdue.

Mots clés : Pandémie, covid-19; Malaise dans la culture; Symptôme; Écoute psychanalytique; La peste d'Albert Camus

SOBRE O MAL-ESTAR NA PANDEMIA. O PAPEL DA ESCUTA PSICANALÍTICA EM TEMPOS DE CORONAVÍRUS

O coronavírus ou Covid-19 é uma verdade factual de nosso tempo, ela tem produzido mudanças decisivas na vida social do Estado global de direito, levando à humanidade a pensar na ideia de se reinventar. Se bem, trata-se de uma necessidade real, formula-se neste texto, o desafio de pensar de que forma esse mal-estar faz sintoma nos modos de sentir, pensar e agir do cidadão. Sem dúvida que no espectro dos sintomas – signos visíveis de uma realidade invisível –, o fenômeno mais relevante da atualidade o constitui o isolamento social e o caminho contrário, o caminho de volta a um «suposto normal». Esta questão tem sido tratada pelo próprio Sigmund Freud ([1930] 2010, p. 13) em uma obra matriz da modernidade *O mal-estar na civilização*. Entretanto, não se trata de um isolamento como proteção diante daquilo que pode resultar insuportável: o convívio social; que segundo Sartre, caracteriza a relação individual com o outro².

Freud assinala um fato singular que neste caso, vale a pena destacar, apesar de lhe resultar impossível viver o isolamento, o ser humano costuma ser mais intolerante ainda aos sacrifícios que supõe a vida em sociedade. A questão agora é que a quarentena tem sido decretada em alguns lugares nos quais o vírus ameaça se expandir. Que o vírus seja algo invisível e que se desloca a uma velocidade incrível, não significa que se trate em si do real, pelo menos no sentido em que Lacan o formula. Nesse sentido, Slavoj

² A célebre frase de Jean Paul Sartre «o inferno são os outros» é pronunciada na peça de teatro *Huis clos* – Entre quatro paredes –, escrita em 1945. Nela, duas mulheres e um homem encontram-se no inferno, condenados a permanecer para sempre juntos, «entre quatro paredes», sendo esta uma referência do confinamento à qual é submetida toda a população em tempos de pandemia.

Žižek (2020c) sugere que infecções virais operam num correlato sobre a realidade que se dá entre o real e o virtual, reforçando a consigna do colapso: «Bem-vindo ao deserto do viral».

A presença do coronavírus na verdade sacode o ajuste sintomático que a gente faz da realidade³. E isso compete tanto ao real, simbólico e imaginário na estrutura psíquica de cada indivíduo. Da maneira que ocorre quando se produz um certo despertar para uma «nova realidade»⁴. Esta comoção no ajuste sintomático implica que a questão que traz a pandémica tem que ser reformulada. Nesse sentido, a psicanálise tem um papel importante nessa Nova Ordem Mundial.

Toda e qualquer cultura, nas palavras de Freud, precisar ser defendida dos indivíduos que atentam contra ela. Nesse lugar situam-se as leis, instituições e outras formas de organização pertencentes à esfera pública. Além daquilo que atenta contra esse corpus social que pode ser um vírus; surgem impulsos hostis que também comparecem, por exemplo, agindo como uma nova ordem do estabelecido pelos governos que procuram terminar com a pandemia.

Nesse momento entra em jogo a relação com a lei simbólica. Ao se desarticular o ajuste sintomático com a vida, produzem-se efeitos do real, no campo do gozo seja qual for o objeto escolhido para este fim. Quiçá, onde se manifesta de maneira notória a materialização desse sentido, seja justamente no registro do imaginário. Todas essas articulações – R.S.I. – dos registros se veem afetadas. Medos, paranoias, preocupações, sintomas, angústias, vêm-se dispostas a aparecer colocando em xeque o próprio sujeito que produz sintomas⁵.

³ Um ajuste sintomático está relacionado com o «retorno de conteúdos reprimidos», isto é, conteúdos expulsos da consciência, que tendem constantemente a reaparecer. Esse material psíquico retorna de forma distorcida ou deformada, na forma de sintomas. Sintoma é um fenômeno objetivo que constitui, para a psicanálise, não o sinal de uma doença, mas a expressão de um conflito inconsciente. Esta noção está na origem da psicanálise, trata-se do fenômeno que convoca o ato freudiano de visualizar e escutar um sentido, onde antes o saber instituído afirmava só haver um vazio, uma inverdade, uma mentira – Fakenews. Esse posicionamento inaugural de Freud irá lançar as bases para a ética psicanalítica de escutar o sujeito em sua radical singularidade.

⁴ O filósofo e psicanalista Slavoj Žižek (2020a) propõe em recente coletânea: *Pandemia* uma reflexão sobre a crise do coronavírus na sua relação com a política, economia, medo e liberdades. Adverte para evitar uma reflexão ingênua sobre como esta crise não só ensina o que é verdadeiramente essencial no cotidiano, mas de como ir além e pensar qual forma de organização social substituirá a Nova Ordem Mundial.

⁵ Os sintomas do coronavírus 2019 – Covid-19 podem aparecer 14 dias após a exposição ao vírus. O período entre a exposição e aparição dos sintomas se chama incubação. Eles podem incluir: febre, tosse, cansaço; outros sintomas podem ser a falta de ar ou dificuldade para respirar, dores musculares, calafrios, dor de garganta, perda do gosto ou do olfato, dor de cabeça e do peito; outros reportados são erupção na pele, náuseas, vômitos e diarreia.

Por esta razão, o isolamento que se impõe não tem porquê resultar em impedimento para a continuidade da análise. Discussões que faz tempo vêm acontecendo no âmbito do campo freudiano, em relação às possibilidades do tratamento por outras vias, sem ser a presencial na clínica, revelam-se suporte às verdades subjetivas. Mídias digitais oferecem recursos para evitar o perigo de contaminação: vídeo-chamadas, lives, whatsapp ou simplesmente o viva voz do celular representam hoje suportes à subjetividade, sempre e quando o dispositivo enfatize o laço social no momento no qual esse presencial representa um risco iminente.

Toda crise implica a possibilidade de reinvenção e convida a explorar conceitos e princípios a partir da clínica, da literatura e da cultura nas suas diversas manifestações e representações vindas à luz. Neste sentido, este artigo trata em um primeiro momento a noção de mal-estar na ambivalência do estar-mal e do sintoma; num segundo momento, os precedentes literários do fenômeno na obra *A Peste* de Albert Camus recriam o cenário no contexto da saúde, política, economia, comportamento e a arte de amar, e, por último, lançam-se algumas perspectivas à psicanálise no seu papel de intérprete da cultura.

O mal-estar real do coronavírus e seus sintomas no contexto psicanalítico⁶

O diagnóstico da crise pelo coronavírus formulado por Andrea Fiorollo e Philip Gorwood (2020) na revista *European Psychiatry*, explica que os sintomas gerados pelo coronavírus se estabelecem em quatro dimensões: a cognitiva que apresenta pensamentos repetitivos e preconceitos nos procedimentos – como por exemplo, relacionar tudo o que acontece com o vírus; a comportamental, com condutas compulsivas e atividades disfuncionais – como a impossibilidade de se concentrar; a emocional, que adquire a forma do medo, ansiedade e ira – raiva; e a fisiológica, com transtornos do sono, angústia e imobilidade – sensação de estar paralisado pelo medo.

Esse impacto psicológico sem precedentes, referencia um problema de saúde pública global, no qual se luta contra um inimigo invisível, criando uma sensação de

⁶ O vírus conhece-se a síndrome respiratória aguda grave coronavírus 2 – SARS-CoV-2. A doença que causa se chama doença do coronavírus 2019. Em 11 de março de 2020 a OMS declarou esse broto de Covid-19 é uma pandemia. A gravidade dos sintomas da Covid 19 pode ser leve ou extrema. Algumas pessoas têm apenas sintomas leves, e outras são assintomáticas. Adultos maiores ou pessoas que tem infecções crônicas, como doenças cardíacas ou pulmonares, diabetes, obesidade, doenças crônicas renais ou hepática, ou que têm um sistema imunológico comprometido, podem correr um alto risco.

risco onipresente. E de que todos, sem exceção, em algum momento, podem se ver afetados. Trata-se de uma crise na qual imperam mais dúvidas que certezas. E é normal que ninguém saiba como reagir e que nestes momentos haja medo, insegurança e uma angústia generalizada.

Não são poucas as vozes que orientam para fazer frente à angústia. A mediados de março, a Organização Mundial da Saúde – OMS – publicou um manifesto com indicações específicas sobre a saúde mental para a população em geral, trabalhadores sanitários, cuidadores de crianças, pessoas com doenças prévias e população em isolamento social (BBC News, 2020a). A maioria dos Conselhos Gerais de Psicologia e o Ministério de Saúde de cada país tem colocado em marcha programas de atenção e suporte psicológico em saúde mental durante o brote epidemiológico (ONU, 2020).

Tudo isto ocorrendo, justo no momento em que conselhos delivery sobre diagnóstico, tratamento e cura, no sentido mais genéricos dos sintomas gerados pelo covid-19, abundam nas redes sociais. O chamado aos profissionais da saúde consiste em acudir a fontes confiáveis para cuidar da saúde mental. Necessita haver nesse sentido informação veraz e científica para ajudar efetivamente às pessoas a superar estes momentos tão complicados. Não basta boa fé e boas intenções. É necessária a intervenção de especialistas. Por esta razão, a pulsão invocante do psicanalista se volta para o sentido dos sintomas que apresenta o novo coronavírus no cenário da pandemia.

Aprofundando nesta questão, para Freud ([1926] 2010, p. 14-17), o sintoma, enquanto formação do inconsciente é resultado de um processo de repressão que converte em desprazer o prazer de satisfação esperado. Alguns anos antes, Freud ([1920] 2010, p.178) havia aceitado a existência de uma «compulsão repetitiva» que estranhava algum tipo de satisfação misteriosa, que o eu não pode reconhecer como tal, uma satisfação de um estatuto diferente, muito além do princípio homeostático do prazer. Essa formulação se torna complexa ao ingressar na variável da lógica freudiana, a hipótese do dualismo pulsional, que jamais será abandonada⁷. Disto se desprende o seguinte: que o sintoma, se bem é a versão degradada de uma satisfação pulsional – sexual – reprimida, não se dirige por isto a esse tipo de satisfação, mas que satisfaz algo que é de uma outra ordem. A evidência de certos fatos que se apresentam à consciência

⁷ O dualismo pulsional em Freud se apresenta como uma mudança no seu pensamento que vai do instinto à pulsão, por esta razão, fala-se a partir deste conceito, marcando um distanciamento do instinto animal, traçando o percurso de que maneira as pulsões sexuais e as pulsões de autoconservação possibilitam o aparecimento de dois modos diferentes de processar a energia psíquica.

sob a forma de sofrimento, não anula o fato de que também estes obedecem à satisfação encoberta de um prazer inconsciente.

O sintoma para Lacan ([1964] 1996) pode ser compreendido, segundo Maria Cristina Ocariz (2003), de três modos diferentes: como mensagem endereçada ao Outro, como gozo, e como produção do sujeito⁸. O significante – imagem acústica, impressão psíquica desse som, associa-se ao significado numa língua – do recalque originário que se satisfaz com a repetição de uma experiência traumática, de corte, de castração, e que tem sua origem neste mesmo significante: o Significante do Nome do Pai⁹. Pode-se dizer, então que o sintoma é uma posta em ação do mecanismo de repetição inconsciente; que tal repetição é da ordem do significante; e que, em todo sintoma se trata da atualização de algo que está na origem da constituição do sujeito, de sua identidade.

Se neste caso o sintoma é um retorno do reprimido pela via da substituição significante, assim, pode-se afirmar que a estrutura do sintoma é o da metáfora viral, no caso da pandemia¹⁰. Segundo Lacan ([1957]1998), isto se dá na instância da letra, no inconsciente ou da razão desde Freud. Isso só é possível quando a instauração dessa metáfora fundamental se produz, abrindo para o sujeito o campo da significação. Este é justamente o ponto no qual se pode sustentar que a interpretação, ao trabalhar com o equívoco, consegue comover a estrutura do sintoma¹¹. A interpretação serve-se do equívoco para instaura esse campo aberto à significação, na qual em última instância, nenhum significante significa nada, para produzir o *pas-de-sens*, a passagem do sentido de uma significação a outra. É bom neste sentido lembrar que se bem qualquer interpretação é possível, mas não qualquer uma é válida.

Nesse sentido, a palavra, tanto no sintoma quanto em todas as formações do inconsciente, cuja estrutura é a mesma, coloca em jogo a estrutura da linguagem. Em definitiva, o que sustenta o aforismo lacaniano «o inconsciente está estruturado como

⁸ Outro com maiúscula é o termo utilizado por Lacan para designar um lugar simbólico – o significante, a lei, a linguagem, o inconsciente, ou Deus – que determina o sujeito, de maneira externa ou de forma intra-subjetiva em relação com o desejo.

⁹ Lacan formalizou o Édipo freudiano sob o conceito de Nome do Pai como equivalente a um significante da tradição que situa o sujeito no laço social, articulando a linguagem com a fonte antropológica da identidade, disto surge o registro do simbólico.

¹⁰ Por analogia: se o sintoma é uma metáfora, do mesmo pode-se afirmar que o desejo humano é uma metonímia. Deslocamento e condensação, respectivamente, se dão na ordem da propagação ou da viralização.

¹¹ A estrutura do sintoma se funda na própria linguagem corporal, assim o psicanalista precisa ver e escutar o que o sintoma fala, ele formula diversas questões como símbolo mnêmico do trauma, cumprimento do desejo, realização de uma fantasia, satisfação substitutiva, forma de proteção contra a angústia e também uma formação de compromisso.

uma linguagem». Por isso por meio da livre associação, o relato dos sonhos, as fantasias e sintomas, entre outras, se manifesta em uma palavra, que traz à tona a verdade. Uma palavra nesse contexto é um significante, mas um significante não necessariamente, uma palavra.

Essa palavra é matriz da parte desconhecida do sujeito, e esse é o nível próprio do sintoma analítico, dirá Lacan ([1954-1955]1985); se trata de uma palavra que busca passar e que não cederá a não diante de uma intervenção que alcance esse nível. Portanto, cabe então a pergunta: como um nó de mal-estar e sofrimento, pode-se constituir em lugar no qual se manifesta uma instância de satisfação? A grande descoberta da psicanálise de acordo com Lacan é ter colocado de manifesto a relação problemática do sujeito consigo mesmo, e haver ligado essa relação com o sentido do sintoma¹². Dessa literalidade sintomática da qual fala Lacan, desprende-se a necessidade de reivindicar antecedentes do fenômeno da pandemia que podem servir de pauta para decifrar os sintomas que afetam o mundo na atualidade¹³.

Antecedentes literários de pandemia na obra de Albert Camus

No meio do colapso mundial da pandemia pelo coronavírus, a obra *A Peste* do escritor e jornalista franco-argelino Albert Camus ([1947] 2019), tem atualizado um texto paradigmático da literatura do século XX¹⁴. Trata-se de um romance-ficcional da filosofia existencialista do autor, um livro que trata da ética universal, da liberdade de escolha e da responsabilidade moral dessas escolhas perante as contingências da vida. Num clima pós Segunda Guerra Mundial, Camus aborda a história da chegada de uma epidemia à cidade argelina de Orã, o protagonista é um médico chamado Bernard Rieux

¹² Esse novo sentido do sintoma, Lacan chama de *sinthome*, isto é, aquilo que constitui a ligação subjetiva com o suporte da estrutura do próprio sujeito, uma literalidade pela via sintomática de um traço, de um estilo, de um destino que a este se oferece na perspectiva de um horizonte de sentido.

¹³ Lacan questiona, segundo Žižek (2013, p. 297) se não foi Marx que inventou a noção de sintoma. Trazendo à tona o método interpretativo tanto de Freud quanto de Marx, cujos objetos: o inconsciente e a mercadoria, respectivamente, podem ser interpretados a partir de uma certa fissura, assimetria, de um certo desequilíbrio patológico que desmente o universalismo da democracia. Este ponto é chave para sondar a relação saúde, política e economia vinda à tona no atual cenário de pandemia.

¹⁴ Interessante a manchete da BBC News Brasil (2020b) que diz: «A Peste, de Albert Camus, vira Best-Seller em meio à Pandemia de coronavírus», reforçando com isso o título desta parte que trata sobre os antecedentes narrativos que caracterizam esse fenômeno.

que combate a doença até o momento de sua extinção, após causar um grande extermínio¹⁵.

Este relato apresenta uma narrativa centralizada na reação das pessoas, indo da letárgica apatia à ação deliberativa na tentativa de dizimar a peste. Personagens deparam-se diante do dilema ético: fugir da peste, aguardar o fim, a morte ou se engajar numa ação para fazer frente à pandemia. O narrador desaparece da cena para dar lugar ao protagonismo coletivo, escolhendo interagir com alguns personagens que deixam claro suas escolhas no plano da moralidade, uma crônica sobre a banalidade do cotidiano¹⁶.

O paralelismo de *A Peste* com a Pandemia é indiscutível deixando em evidência o clima de terror, aprisionamento e genocídio na representação do inimigo viral, que parece não existir, mas está aí, à espreita na realidade do dia a dia, numa era de pós-verdades e fakenews, gerando histeria coletiva, comportamentos frívolos, preconceituosos, eufóricos e xenofóbicos. Contudo, a literatura sempre serviu de amparo, refúgio em tempos de crise. Nesse sentido, a obra é rica já que trata de conteúdos inerentes à natureza humana. Conceitos tais como comunidade, liberdade, religião, moral, morte e esperança, entre outros vêm a comprovar a grade similitude de circunstâncias entre os efeitos dessa praga e o novo covid-19 que flagela a humanidade.

Chama a atenção no relato os personagens que têm nomes e sobrenomes franceses, numa cidade cuja principal origem etnográfica é árabe¹⁷. O protagonista, doutor Rieux é testemunha direta do início do vírus. Saindo do seu consultório se dá de cara com uma ratazana meio morta, avisa o porteiro para retirá-la do lugar de passagem. Não se tratava de um lugar habitual para um roedor, por esta razão, Michel, o empregado, acredita se tratar de uma brincadeira, pensa que alguém a trouxe de fora e a colocou aí. Quando se aproxima do animal, este acorda e se larga a correr. Ambos observam atônitos como ele cai e começa a vomitar sangue, como se tivesse explodido por dentro. Essa morte era apenas o começo. Mais à frente serão bandos desses animais

¹⁵ Orã situa-se na costa mediterrânea do norte da África, o autor descreve uma cidade sem pássaros, árvores nem jardins, na qual não se escuta o bater das asas, o murmulho das folhas; um lugar desolado, feio, de comerciantes e trabalhadores, na sua maioria neutros e sobre os quais se desata uma terrível enfermidade.

¹⁶ Na trama da obra aparecem oportunistas que desejam lucrar com um mercado paralelo de produtos. Há num primeiro momento hesitação no anúncio da doença, isto dá pé para a crítica de Camus de explorar a verdade factual, própria de sua atividade jornalística.

¹⁷ Essa pode ser efetivamente uma referência à chave de decifração da metáfora que envolve a novela: a ocupação nazi da França no decorrer da Segunda Guerra Mundial.

que surgirão e se infiltrarão nas casas para morrer amontoados em grandes pilhas de lixo.

Esse mesmo porteiro acode depois ao médico, pois encontra-se doente: e o que diz é que queima também por dentro. Falece, assim como grande parte dos moradores da cidade. Os sintomas dessa doença que agora acomete humanos: temperatura elevada, gânglios no pescoço e membros inflamados, manchas escuras na pele e vômitos, tudo acompanhado de uma dor interna intensa. Cidadão eludidos no seu orgulho não acreditam na possibilidade da praga, mantendo-se ocupados nos seus negócios, planos de viagens e opinando o tempo todo. No entanto, quando a morte chega e toca à porta de suas casas, converte-se em um sentimento coletivo e se produz a queda. Afirma Camus (2019) que a morte marcou o fim de esse período cheio de signos desconcertantes e o começo de outro, relativamente mais difícil, no qual o inesperado dos primeiros momentos se transformou em pânico. A partir de então, a peste passou a ser um problema de todos»¹⁸.

A imprensa de Orã minimizou a febre como sintoma e se limitou a fazer pequenas alusões à ameaça, procurando não causar alarme na população. Remetendo-se apenas ao registro e contagem de mortes diárias, chegando ao momento em que tudo foge do controle. Quando a peste passa a ser um problema de saúde pública, autoridades políticas dão as primeiras instruções por meio de cartazes propagandísticos distribuídos em diferentes pontos da cidade. Entre essas primeiras instruções: a desratização com a fumigação de gases tóxicos no esgoto, vigilância extrema com o consumo de alimentos em contato com a água e recomendações de cuidadosa higiene. Além da obrigação da família de declarar casos diagnosticados por médicos com o fim de realizar o isolamento em lugares especiais do hospital.

Logo, em matérias complementares recomenda-se a desinfecção obrigatória de quartos de pessoas doentes e para o resto da população, limitar-se a recomendar aos familiares se submeterem a um estrito controle sanitário. Em princípio a curva de contágios parece retroceder, mas de um segundo para outro retrocede exponencialmente. Decide-se então declarar «Estado de Peste» e a cidade se fecha. Afirma o cronista que nesse momento se dera conta de que todos estavam todos no mesmo barco, e que de algum modo tinham que se virar. Instalaram-se guardas na

¹⁸ Essa constatação de Camus na obra, reforça a ideia de que tanto a guerra quanto a enfermidade aparecem na vida do ser humano quanto este menos as espera, conferindo a esses fenômenos o caráter de real.

entrada da cidade e se fez mudar de rumo os barcos com destino a Orã. Ao ficar claro para quem conseguia sair, perguntavam pelo retorno daqueles que se tinham ido antes da epidemia. Autoridades responderam que podiam voltar, com a condição de que aqueles que regressassem não poderiam voltar a sair novamente. Esse símbolo de liberdade personificado no porto e no mar só se refletia como uma ilusão desvairada.

Com isto, se isolam certos bairros, especialmente os mais afetados, permitindo-se a saída daqueles cujos serviços eram indispensáveis. As pessoas começam aos poucos a enlouquecer, a desafiar as normas, a questionar a autoridade e a divulgar o caos, razão pela qual se declara Estado de sítio e toque de recolher. Um efeito comportamental que se produz na população é a dissolução dos vínculos sociais. Camus (2019) detalha o terrível que resulta para as pessoas cortar vínculos humanos com os mais próximos e o desalento produzido pelo isolamento, o qual é chamada de súbito, de exílio. O autor chega a afirmar que a doença, que em aparência obriga os habitantes à solidariedade de seres sitiados, rompendo ao mesmo tempo com as associações tradicionais, devolvendo aos indivíduos a solidão. Produzindo desconcerto.

Analogicamente, os habitantes de Orã sofrem na pele os estragos anímicos e fatídicos pela grave falta de comunicação. No entanto, na situação que se vive na atualidade, a pandemia de coronavírus – covid 19, o golpe está longe de ser crítico. Sem dúvidas o confinamento traz consequências no estado anímico das pessoas, mas hoje as circunstâncias são diferentes. Indivíduo e família vivem de forma mais autônoma conseguindo quase todo o que precisam de um mercado mais desenvolvido. Este último em todas as circunstâncias é muito mais vantajoso, pois tende a operar para satisfazer necessidades biológicas e naturais, inclusive estabelece meios que permitem colmar situações do espírito, por exemplo, a participação de cerimônias religiosas e reuniões sociais via streaming, tem massificado empresas de reperto de encomendas a domicílio e habilitado grande quantidade de plataformas virtuais para assistir filmes e escutar músicas de playlist.

Estragos anímicos e fatídicos houvessem derivado de um confinamento longo em um modo de vida no qual o mercado estivesse barrado e imperasse o planejamento de forma centralizada. A crise sanitária se tornaria imprescindível devido ao contato e o encontro serem inerentes ao conceito comunitário – caracterizado por fortes laços de coesão emocional, profundidade, continuidade. Além do mais se esses vínculos são cortados de forma brusca como ocorreu nessa situação de pandemia, o dano anímico tivesse tomado proporções imprevisíveis.

Contudo, a propagação do vírus alcança também conotações ideológicas, um vírus ideológico que, segundo Žižek (2020), atinge a toda a sociedade por meio de *fakenews*, teorias conspiratórias, paranoias, explosões de racismo, entre outras, manifestações sintomáticas. A necessidade de implementar quarentena e confinamento social derivou na demarcação de fronteiras em relação a esse «inimigo invisível» que ameaça a condição do isolamento. Apostou-se também em outros setores em um vírus ideológico benigno afirma o crítico, que leva a pensar em alternativas para a sociedade: ir além do Estado-nação, atualizado em formas concretas de cooperação e solidariedade global¹⁹. O coronavírus estimula a aproximação do eu para com o outro; do mal-estar e do bem-estar; e, sobretudo, a reinventar um humanismo, cuja base esteja na confiança da população, na democracia e na ciência²⁰.

A literatura por meio de *A Peste* mostra como a arte pode contribuir ao crescimento da alma por meio da sabedoria e do ensino moral. Em tempos de tribulação e isolamento social é quando o ser humano carece ainda mais desses valores. Um bom texto, uma boa música, podem suprir por momentos o aconchego das relações sociais. *A Peste* joga um balde de água fria à humildade e à humanidade, lembra que o ser humano ainda segue longe de se transformar em deus e de ser invencível. O pensamento de uma sociedade pandêmica se reflete bem na figura do Faraó Ramsés II que acreditava ser divino. Este diante das dez pragas que açoitavam Egito, começa a fraquejar e duvidar, fechando seus ouvidos, já que o Deus hebreu havia endurecido seu coração. Feiticeiros e falsas deidades nada conseguiram fazer para salvá-lo. Ao final sua rigidez e prepotência sumiram nas profundezas do mar vermelho, junto a um monte de soldados tão humanos e comuns como ele.

Albert Camus fecha *A Peste* com uma advertência que hoje pode ser lida em tom profético: Quiçá algum dia a peste acorde os ratos e os envie a morrer em uma cidade bem-aventurada. E assim ocorreu. A covid-19 parecia inocente, idêntica a esse roedor meio morto na rua de Orã – neste caso Wuhan. Acreditou-se que era apenas uma gripezinha, exagero, «teoria da conspiração». Entretanto, hoje esse ser microscópico tem grande parte do mundo confinado dentro de suas casas, em espera de uma vacina;

¹⁹ O autor esloveno fala de que o fenômeno do coronavírus da mesma forma que assinala a possível queda do regime comunista na China e a catástrofe de Chernobyl, para Gorbatchov, o fim do comunismo soviético, o fim da covid-19 pode estar prefigurado na obra de Albert Camus.

²⁰ Desse isolamento social provavelmente surjam novos valores, reforçando a importância da comunidade, convivência e intimidade, em seus devidos lugares. Hoje é tempo de reflexão, a hora do ser humano escutar a si mesmo, os outros e o mundo.

um recorde, milhares de mortos; um grande número de desempregados e uma economia paralisada, em colapso.

A mensagem essencial da obra Nobel de Camus é considerar sempre no horizonte de sentido a fragilidade existencial da condição humana, pois já chegará o momento de realizar a autocrítica, o exame necessário para se projetar com esperança à vivência de um outro tempo no qual haja uma verdadeira reivindicação do espírito humano em função da fé e da esperança em um mundo melhor.

Responder ao grito de desamparo – o grande desafio da psicanálise em tempos de pandemia

Um dos objetivos deste estudo consiste em verificar as respostas psíquicas da psicanálise a esta situação que produz a suspensão da realidade socialmente instituída e o surgimento de outra, um estado pandêmico precário, manifesto e incerto. Refere-se ao papel do psicanalista nesta crise in pleno desenvolvimento do Brasil. Yago Franco (2020) no seu artigo «Coronavirus: trauma, angustia y deseo» introduz um princípio psicanalítico fundamental para entender esse estado «Na origem era a dor» e remete às origens do ser e à angústia sem nome do infante que Freud chama de hilflosigkeit. Qual seria, portanto, o significado atribuído por Freud a essa dimensão original da condição humana?

A resposta a essa questão tão essencial da vida só poderia vir de um oráculo, da Ars poética. Da dimensão trágica que situa a interrogante de Freud apresentando a visão inconsciente do bebê diante de sua incapacidade de sobreviver por seus próprios meios, a angústia iminente de sua separação do objeto de amor – a Mãe –, com medo à finitude da vida, à fragilidade do seu corpo, à força da Natureza, ao mal-estar da civilização e às ilusões da pseudoproteção. Hilflosigkeit traz um movimento crescente, um percurso trágico, no decorrer evolutivo da obra freudiana. No final, no desenlace: a hilflosigkeit aponta para a falta absoluta de solução para a condição humana, para o lugar vazio da significação do próprio ser e de sua existência (Quaglia, 2006).

Marcas indeléveis deixa o desamparo original, produzindo uma tácita angústia que se presentificará diante de qualquer situação traumática. Trata-se de uma angústia

diferente à ligada ao complexo de castração²¹. Esta angústia indicial do desamparo não tem representação, tal desgarramento produz a marca da dor na origem que permanecerá para sempre nos bastidores do sujeito – inconsciente –, nos quais ainda o grito das origens, do nascimento e da morte ao mesmo tempo, selam o abandono da antiga e amorosa morada do sujeito. Logo, a abertura a um mundo que dói, real. E, a cultura que traz prematuramente elementos significantes como caos, vazio, sem fundo, o fim; colhendo objetos imaginários para dar forma, função e relevância aos acontecimentos.

No meio de uma pandemia, toda e qualquer vivência implica numa crise parcial, nesse sentido, de alguma maneira se sustentar a ideia de que viver seja perfeitamente desejável. Agora o único empecilho é a própria realidade, o estado psíquico do sujeito. Sendo assim de insustentável, qual é o papel do profissional da saúde mental? O ofício do psicanalista trata acerca dessa realidade psíquica composta de fantasmas, destinos pulsionais, identificações, entre uma plêiade de elementos intrapsíquicos. Uma profissão que transita entre a análise, que coloca em xeque a instância egoica, que implica um certo nível de angústia, cuja tarefa de elaboração consiste na escuta atenta, é levada a cabo em certa medida pelo próprio eu, ao serviço do encadeamento pulsional, afetivo e representacional. A pergunta sobre o destino desta nobre ação efetiva é para nada ingênua no meio desta travessia pandêmica.

O advento do traumático que trouxe a suspensão da realidade socialmente construída e a produção de outra, precária, instantânea, incerta; faz com que esse traumático ache diversas respostas psíquicas e obrigue o analista a ficar à altura desses acontecimentos e dos efeitos do trauma, seja na clínica, no espaço social ou na esfera privada da clínica. O primeiro desafio consiste em não permitir que o sujeito fuja da angústia nem que se afunde nela²². Lacan diz que a angústia é um afeto que não engana. Sendo uma via de mão dupla, deixa-se de lado a angústia de castração, dando lugar à mais originária, a angústia indicial do desamparo. Vias colaterais de satisfação que barram a angústia, obrigam-na a dar um pulo qualitativo diante da falta do objeto de

²¹ Em O Seminário sobre a angústia, Lacan estabelece características e percurso do objeto **a**; lugar da falta, no qual é possível que apareça a «angústia de castração», que está em relação ao Outro. Lugar de chegada na experiência analítica de Freud. Aqui Lacan introduz a novidade, a abertura dialética que permite pensar que a angústia de castração não é o final para o neurótico. Na sua forma, a castração imaginária, se produz a nível de um certo dramatismo na sua proximidade com o semelhante. Uma fratura imaginária, que pode se dar segundo seja cada caso, o importante dessa cena é que algo desse material seja usado para outra função, que é dar o verdadeiro sentido ao termo castração. Na experiência analítica, o neurótico para por aí, o lugar onde o cita o analista. A castração é muito mais do que esse lugar, é o momento de interpretar a castração.

²² A ideia consiste justamente que o paciente lhe dê um nome a essa angústia, com o fim de representa-la, o passo inicial da cura.

prazer. Gera-se assim sobre o fundo dessa angústia, o desejo. Desejo de encontro com esse objeto. Um objeto especial, chamado por Lacan, de objeto a: causa do desejo. Objeto inexistente, mas cujo traçado coloca em movimento o psiquismo humano.

Por onde transitam os efeitos do trauma – do isolamento, do risco, da ameaça, da queda e do sentido, entre outros? Fora do consultório, dos hospitais, das creches, das ONGs? O mundo virtual, plataformas, programas e dispositivos digitais têm tomado conta desses novos cenários resistentes, um tempo caracterizado pela urgência e a demanda. Nesse sentido, Piera Aulagnier (1994) afirma que se o sujeito é interprete à busca de sentido, a análise transita – em tempos de isolamento social – pela criação de um novo imediatismo, trata-se de aprovisionar adequadamente a nave para transitar de modo menos agitado nas correntezas da pandemia e nas turbulências individuais e coletivas que se estão produzindo²³. Por isso, é fundamental considerar o trabalho do psicanalista em contraposição à repetição, uma das manifestações do desejo do sujeito, que contém no seu núcleo a lógica da esperança: lógica que responde à imortalidade dos desejos inconscientes.

Todo mundo é partícipe do fenômeno viral do qual se tem poucos antecedentes, sabe-se sim, acerca de seu alto grau de contaminação, multiplicando-se em escala exponencial. A experiência até aqui adquirida deixa em evidência a necessidade de se criar laços sociais para fazer frente a esse grave problema de saúde global. Algo da lógica do capitalismo econômico explodiu sob as premissas: «tudo é possível», «tudo está permitido», mas essa não foi a única razão. A natureza de forma destrutiva caiu sobre os seres humanos, deixando-os à mercê do coronavírus, vulneráveis. Hoje, o vírus exige regulações, privações, limites, mudanças nas formas de viver.

Perigo eminente é o contágio, o risco de morte. Dia após dia a doença vai se propagando de modo invisível e com isso também os motivos vão mudando, tanto quanto as possibilidades de cura. Tem ficado claro que assim como o Estado é responsável pelas políticas públicas na área da saúde, da mesma forma, o cidadão é responsável pela sua contribuição e por ceder parte de seus direitos. É uma responsabilidade compartilhada, o que coloca de manifesto valores sociais, éticos,

²³ Piera Aulagnier na obra citada faz referência à importância dos discursos sociais na construção do sujeito. A partir de sua construção teórica são eles que outorgam a possibilidade de planejar, projetar e orientar sua vida. Permitem construir sentido e direcionar sua existência possibilitada pela noção de futuro previsível que se instaura. Por este motivo, quando circunstâncias sociais nas quais se fundam estes discursos se comovem, a vida desses sujeitos se organiza. Quando estes perdem esses suportes, suas amarras, aparece a incerteza e com ela a angústia.

solidários de convivência social. Entretanto, ao capitalismo o único que lhe importa é o sujeito de consumo. O coronavírus sacode a fórmula da economia dos países, colocando em xeque o individualismo e esse sujeito como única perspectiva.

Já no plano subjetivo, o ser humano padece desamparado, mal-estares na cultura relacionados à onipotência da Natureza, à fragilidade do corpo, à insuficiência de normas que regulem seus vínculos sociais. Assim, hábitos e costumes se vêm transformados, efeito do caos instaurado. Experiência do Real, do traumático, isto é, atravessado pela impossibilidade do saber, do fazer e de suportar a incerteza, o medo, a angústia. O coronavírus é uma doença orgânica, considerado um agravio à superioridade, soberbia e orgulho humano. Interessa à psicanálise o traumatizante no sujeito a raiz da catástrofe coletiva – Pandemia do coronavírus: desamparo, fragilidade dos laços, desproteção das instituições, perda qualitativa da condição de cidadão, segregação.

Nessa linha, o trauma ocorre quando algo familiar se volta estranho no encontro contingente com os acontecimentos da esfera pública, no exterior, onde cobram relevância as condições sociais, econômicas, políticas e culturais. É um dado importante para o psicanalista: o que aconteceu com esse sujeito diante da irrupção da pandemia, do vírus? O que causou surpresa, inquietação, estranheza? Claro, dentro das possibilidades que este tem de falar. Ambas as perguntas supõem um ser humano único, social, dividido e descontínuo entre o estímulo e a resposta, inconsciente. Esse sujeito vive hoje uma experiência inédita, contingente. Um real que não se deixa universalizar, nem standardizar, nem muito menos programar. Muitos o tentam explicar, analgesicamente, operando às vezes como um dispositivo fake.

Contudo, sair do engodo não deixa de ser uma questão de interesse econômico e político, mas para um psicanalista se trata de uma questão ética, uma responsabilidade justamente com a condição humana que não recua à angústia, contingências ou sofrimentos do sujeito que precisa se reinventar na construção social de novas narrativas que lhe tragam saúde, bem-estar e felicidade.

Considerações Finais

O mal-estar provocado pela Pandemia do novo coronavírus, manifesta-se através de vários sintomas que afetam o ser humano na atualidade. Medo, angústia, estresse e colapso, são alguns dos sintomas que atingem a saúde mental da população diante do

risco de contaminação e morte. Guardar distância corporal, higiene e evitar aglomerações é a orientação global dada pela Organização Mundial da Saúde e pelos Ministérios que decodificam a realidade local de cada país. A questão que convoca a psicanálise no exercício nobre da sua escuta sempre atual está relacionada com a acolhida à dor e à incerteza do indivíduo, nos seus modos de sentir, pensar e agir perante o fenômeno que tomou conta do planeta.

Por esta razão, a mensagem mais importante vinda à tona seja a de Albert Camus em *A Peste*, no meio daquela ou desta pandemia se aprende algo, existe no ser humano algo digno de admiração. Apesar da cidade de Orã, metáfora da humanidade estar jogada à dor e de ter que viver de cara à morte, fica a possibilidade de viver a solidariedade. Por um lado, em circunstâncias similares às do doutor Rieux e Torrou, é possível superá-las, encontrando na ação deliberada uma saída. Ser solidário ao modo desses personagens de Camus não é tarefa fácil, trata-se de um compromisso incondicional com si próprio e com os demais, dando-o todo sem esperar nada em troca. Por outro lado, o autor franco-argelino reconhece a individualidade essencial de cada pessoa, pois não se pode viver eludido, na abstração. A vida é concreta, objetiva e está composta por lutas diárias, êxitos passageiros, não é eterna. É por isso que o ser humano precisa aprender a se olhar a si mesmo e respeitar na criação aquilo que no humano é exclusivo e intransferível como experiência e como resposta.

A Peste não simboliza só os efeitos da guerra, mas também o mal que se expande no ser humano, que não lhe permite deixar de lado o egoísmo, o benefício próprio e a hipocrisia que tanto prejudica ele quanto a seus pares. Ninguém sairá vitorioso de uma situação como essa, não há final feliz, por este motivo, é um bom momento para refletir sobre o que se espera do futuro, do bem-estar, da vida que não se constrói nem no individualismo nem no materialismo, pois as coisas não satisfazem, o ser humano também precisa da solidariedade, da comunhão com outros aos quais possa brindar sua amizade, carinho e respeito, esperando no sentido da esperança, reciprocidade.

O protagonista da crônica, o doutor Rieux tem uma visão da realidade que é importante destacar para efeitos de resultados. Acredita para todos os efeitos que qualquer trabalho bem desempenhado, é uma forma de realização, de si mesmo e de solidariedade para com os demais. Do mesmo modo, pensa que ter conhecimento é poder iluminar o presente com os ensinamentos do passado, da tradição. Esta inferência

deveria conscientizar àqueles que preferem viver a superficialidade, a futilidade e não se empenham em se aperfeiçoar no conhecimento.

Por último, constata-se que a psicanálise se impõem ao igual que Camus com a proposta de uma «nova moral»: a da honradez e da responsabilidade que impulsionam a viver para o bem e para a justiça. Se há algo que pode vencer as limitações impostas por uma pandemia, é a consciência do sofrimento e o destino sustentável comum para todos. Honradez e responsabilidade representam amor, compreensão, lealdade e fraternidade. Igualmente, representa a dignidade que cada ser humano tende a buscar no meio da crise e do caos, para assim, tratar de encontrar a paz que almejavam Tarrou; a felicidade de Rambert; a amabilidade de Grand e, o que esperava Albert Camus da humanidade inteira.

A psicanálise assim vem a oferecer um modelo contemporâneo de intervenção através da escuta aplicando um olhar profundo à individualidade do ser humano, naqueles aspectos que fogem ao controle voluntário e consciente, de um fenômeno crítico como a pandemia do covid-19. É um intérprete do espírito do tempo, da angústia provocada pelo desamparo original e pela convivência social, cujas linguagens driblam experiências subjetivas relacionadas ao isolamento, manifesto em sintomas de ansiedade, irritabilidade, intolerância, apatia, angústia e surto, entre outros tantos sintomas. Tocar incondicionalmente a origem do sofrimento, faz do psicanalista um demiurgo – um artífice que trabalha para o público – em busca de cura, salvação e sentido.

Escutar sem julgar, sem dar razão nem negar. Diante do mal-estar manifesto no sintoma, indo além na busca pela verdade inconsciente do ser humano, devolvendo a este, sua dignidade pessoal, política e moral.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

AULAGNIER, Piera. **Um intérprete em busca de sentido**. México: Siglo Veintiuno, 1994.

BBC. «O que é pandemia e o que muda com declaração da OMS sobre o novo coronavírus». In: **BBC News Brasil**, 11/03/2020a. Disponível em:< <https://www.bbc.com/portuguese/geral-51363153>>. Acesso em 28/06/2020.

_____. «'A Peste', de Albert Camus, vira best-seller em meio à pandemia de coronavírus». In: **BBC News Brasil**, 12/03/2020b. Disponível em:< <https://www.bbc.com/portuguese/curiosidades-51843967>>. Acesso em 28/06/2020.

CAMUS, Albert. **A Peste** (1947). Rio de Janeiro: Record, 2019.

FIORILLO, Andrea e GORWOOD, Philip. «The consequences of the COVID-19 pandemic on mental health and implications for clinical practice». In: **European Psychiatry**. Elsevier, 2020, 63(1), pp. e32, 1–2. Disponível em:< <https://www.hal.inserm.fr/inserm-02552224/document>>. Acesso em 28/06/2020.

FRANCO, Yago. «Coronavirus: trauma, angustia y deseo». In: **Página12**. Psicología, 23/04/2020. Disponível em:< <https://www.pagina12.com.ar/261563-coronavirus-trauma-angustia-y-deseo>>. Acesso em 28/06/2020.

FREUD, Sigmund. **Obras Completas**. São Paulo: Companhia das Letras, 2010.

_____. **O mal-estar na civilização, Novas Conferências Introdutórias e Outros Textos** (1930-1936), vol. 18. São Paulo: Companhia das Letras, 2010, p. 13-354.

_____. **Inibição, sintoma e angústia, O Futuro de uma Ilusão e Outros Textos** (1926-1929), vol. 17. São Paulo: Companhia das Letras, 2010, p.13-123.

_____. **História de uma Neurose Infantil (O Homem dos Lobos), Além do Princípio do Prazer e Outros Textos** (1917-1920), vol.14. São Paulo: Companhia das Letras, 2010, p. 161-239.

LACAN, Jacques. **O Seminário, livro 2**. O eu na teoria de Freud e na técnica da psicanálise. Rio de Janeiro: Zahar, 1985.

_____. **O Seminário, livro 11**. Os quatro conceitos fundamentais da psicanálise. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 1996.

_____. «A instância da letra no inconsciente ou a razão desde Freud». In: LACAN, Jacques (1957). **Escritos**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 1998.

OCARIZ, Maria Cristina. **O sintoma e a clínica psicanalítica: o curável e o que não tem cura**. São Paulo: Via Lettera, 2003.

ONU. «O impacto da pandemia na saúde mental das pessoas já é extremamente preocupante». In: **Nações Unidas Brasil**, 14/05/2020. Disponível em:< <https://nacoesunidas.org/oms-o-impacto-da-pandemia-na-saude-mental-das-pessoas-ja-e-extremamente-preocupante/>>. Acesso em 28/06/2020.

QUAGLIA, Giovanna, **A dimensão trágica da hilflosigkeit em Freud**. Dissertação (Mestrado em Psicologia), Universidade de Brasília, Brasília, 2006.

ZIZEK, Slavoj. Como Marx inventou o sintoma? In: **Um mapa da ideologia**. Rio de Janeiro: Contraponto, 2013.

_____. **Pandemia**. La Covid-19 estremece al mundo. Barcelona: Anagrama, 2020a.

_____. «El filósofo Žižek sobre el coronavirus: es un golpe letal al capitalismo y una oportunidad para reinventar la sociedad». In: **Cultura Inquieta**, 18/03/2020b. Disponível em:< <https://culturainquieta.com/es/pensamiento/item/16592>>. Acesso em 28/06/2020.

_____. «Žižek: Bem-vindo ao deserto do viral! Coronavírus e a reinvenção do comunismo». In: **Blog da Boitempo**, 12/03/2020c. Disponível em:< <https://blogdaboitempo.com.br/2020/03/12/>>. Acesso em 28/06/2020.